

O ENCONTRO ENTRE VIKINGS E ÁRABES

THE MEETING BETWEEN VIKINGS AND ARABS



FADLAN, Ahmad Ibn. *Viagem ao Volga*. Tradução: Pedro Martins Criado. São Paulo: Carambaia, 2018.

Munir Lutfé Ayoub¹

O livro *Viagem ao Volga*, da editora Carambaia, apresenta a primeira versão integral em língua portuguesa do relato de Ahmad Ibn Faḍlan, produzida por Pedro Martins Criado. O tradutor se encontra em pleno desenvolvimento de seu mestrado, desenvolvido no campo das letras na Universidade de São Paulo, sob orientação do professor Mamede Mustafa Jarouche, um dos maiores pesquisadores brasileiros de literatura árabe. A dada obra, sendo uma versão bilíngue, apresenta o original árabe utilizado para tal tradução, e aproveitando-se do fato da escrita e da organização dos livros em árabe serem diametralmente opostos dos em português o livro acaba por ter início em ambos os lados, um em português e um em árabe, encerrando-se cada uma dessas faces no centro do livro.

¹ Doutorando em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo e membro do NEVE (Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos). E-mail: munirlutfe@gmail.com.

Entre a parte em português e a parte em árabe da dada obra encontram-se dois mapas, um da divisão política da Eurásia em 923 d.C. e um do momento político atual da Eurásia, no entanto, no mapa do século X sentimos falta de uma delimitação mais clara do reino da Corasmia, um dos reinos visitados por Ibn Faḍlan durante sua viagem, tendo sido recebido no mesmo pelo xá Muḥammad Ibn ʿIrāq. Para além dos mapas a parte central do livro conta também com uma cronologia que aponta aspectos importantes da história dos povos relatados, dentre essas datações temos o ano de 632 d.C., data da fundação do primeiro califado, esse que contava com um governo monárquico islâmico, dito ortodoxo; 650 d.C., data da fundação do Khaganato Khazar nas margens do rio Cáspio; 661 d.C., início do Califado Omíada; 668 d.C., desintegração da Grande Bulgária e o estabelecimento dos búlgaros do Volga. Essas datações, além dos mapas já supracitados, auxiliam o leitor a situar os relatos de Ibn Faḍlan em suas relações espaço temporais, sem dúvidas, um dos pontos positivos da dada obra.

No início do livro contamos com a presença de cinco tópicos escritos por Criado, esses que são intitulados e organizados na seguinte ordem: *A viagem de um relato; Os olhos da missão; Relatos como fontes; Ecos recentes e Sobre esta tradução*. O autor utiliza-se desses tópicos introdutórios para dar ao leitor uma primeira perspectiva da obra que o mesmo possui em mãos, preocupando-se assim em apresentar um pouco do período histórico e das características de escrita de tal modelo literário, além de apresentar um aspecto geral da literatura árabe medieval e dos assuntos, perspectivas e trajetória do relato de Ibn Faḍlan em particular.

O primeiro tópico apresentado nos faz compreender a trajetória sofrida por tal relato, acompanhando-o brevemente até a chegada aos dias atuais, além de discorrer um pouco sobre as primeiras características de tal fonte histórica. O relato de Ibn Faḍlan é datado para 921 a 922 d.C., no entanto, para além de sua escrita original, perdida nos dias atuais, o percurso de tal fonte histórica teria seu próximo passo na incorporação de suas informações pelos estudos geográficos de Yāqūt Alḥamawī, manuscrito produzido já no século XIII, esse que possibilitaria a sobrevivência dos relatos de Ibn Faḍlan até o início do século XX, século no qual se modificaria a preservação de tal obra. Em 1923 ocorreria, assim, o último ponto principal da existência dos relatos de Ibn Faḍlan, momento no qual foi encontrado um manuscrito do século XIII que continha quatro livros, dentre esses o manuscrito contava com os relatos de Ibn Faḍlan em uma versão incompleta, essa que passaria a circular e ser publicada em 1939.

Com o apontamento de tais fatos, Criado faz o leitor perceber que não estamos apenas diante de um relato de viagem, mas também da viagem de um relato, esse que foi perdido, achado, copiado, estudado e utilizado no decorrer dos mais diferentes momentos históricos. A obra de Ibn Faḍlan ficou consagrada como um ícone do grande momento vivido pelas inovações trazidas do mundo islâmico, inovações que não apenas impactariam o seu próprio mundo de origem, mas que também modificariam o Ocidente, trazendo fontes sobre o norte e o leste europeu, além de possibilitar olhares sobre o sudoeste asiático. O relatório e seu autor deixam-nos perceber assim o impacto que pode ser gerado por um testemunho, esse que se por um lado ganha ares burocráticos por suas informações de deslocamento, personalidades citadas e assuntos administrativos, por outro nos apresenta um viajante e suas observações, mostrando-nos por seus olhares a miríade de culturas com as quais entrou em contato, variedade essa que seria posteriormente utilizada por geógrafos medievais, mas também pela literatura e pelo cinema contemporâneo.

O segundo tópico concede ao leitor um quadro geral dos motivos da viagem de Ibn Faḍlan e uma análise um pouco mais apurada do estilo literário do qual tal relato faz parte. Para apresentar os motivos de tal viagem, Criado lembra-nos que em 921 d.C. o rei dos búlgaros do Volga, Almas Ibn Yalṭwār, enviou uma carta ao califa da dinastia abássida, Almuqtadir Billāh, pedindo apoio para a construção de uma mesquita e de um mimbar, permitindo a propagação do islã e do nome do califa, além da construção de um forte, esse com o objetivo de defender os búlgaros contra seus opositores, os khazares, povo de origem turca que tinha a pouco sido convertido ao judaísmo.

As terras dos khazares tinham suas dimensões abrangendo as áreas das margens do rio Volga até o norte do Cáucaso e a região da Crimeia, tal povo era governado por um Khagan. Os khazares haviam instituído um sistema de cobrança de peles, como forma de tributos, que eram cobradas em uma proporcionalidade com o número de tendas utilizadas pelos habitantes búlgaros. Os búlgaros estavam, também, constantemente ameaçados de casamentos diplomáticos tomados pela força, além do filho do rei dos búlgaros ter sido feito refém do Khagan.

O califa decide mandar um grupo de emissários para que instruísem o rei dos búlgaros na lei e na fé islâmica, promovendo uma conversão, proporcionando em troca dessa uma quantia em dinheiro para atender aos pedidos desse povo. Aḥmad Ibn Faḍlan parte em sua viagem como um dos membros desse grupo de emissários, o mesmo descreve suas funções e

diz que se encontrava como encarregado de ler as cartas do califa, entregar os presentes enviados ao rei dos búlgaros, além de supervisionar os juristas e os instrutores enviados para a instrução do islã. Criado salienta que em momento algum se torna explícito se o relatório de Ibn Faḍlan é parte de suas tarefas ou apenas um diário pessoal, contando apenas com uma afirmação inicial que explica que o que o livro contém é a narração das vivências desse árabe durante sua viagem.

A função de observador exercida por Ibn Faḍlan seria uma das características que ressaltariam as qualidades de tal modelo literário, o qual marcado pela altíssima incidência de verbos como ver, olhar, perceber, notar ou dar-se conta acaba por fazer com que o leitor imagine com detalhes as observações descritas. O caráter de relato é também reforçado por não incluir menções a fontes escritas, apoiando-se apenas na observação ou em eventuais depoimentos orais, mesclam-se dessa maneira depoimentos e registros visuais em uma obra que prende o leitor, uma experiência de leitura muito particular e imaginativa. Criado salienta que a obra de Ibn Faḍlan proporciona, assim, informações curiosas e descrições de momentos inusitados, dentre esses o que o tradutor classifica como de maior destaque é o testemunho ocular de uma cerimônia funeral dos povos Vikings, descrição que acabaria por moldar parte das imagens que a cultura nórdica receberia durante muitos séculos.

No terceiro tópico podemos observar a descrição de forma mais geral do desenvolvimento da literatura no mundo islâmico, para então dar o devido lugar à obra de Ibn Faḍlan dentro desse mundo. Criado salienta que desde o século IX d.C. os árabes já se mostravam interessados pelos povos do norte, missionários, mercadores, emissários oficiais, geógrafos e historiadores encontravam-se em circulação por diversos territórios ao norte do califado, esses homens desvendaram novos horizontes e buscaram novas informações. Mesmo com a expansão do califado, tomando regiões como o norte da África e a península ibérica, o norte ainda se constituiria, sobretudo, pelos territórios localizados acima de seus centros administrativos, Bagdá e Damasco. O chamado norte árabe, região a ser explorado por esses viajantes e estudiosos foi assim, na maior parte dos casos, o leste europeu.

O geógrafo persa Ibn Ḥurdādbih produziria, assim, uma das primeiras descrições feitas sobre esses homens do norte, presente em sua obra *Kitāb Almasālik walMamālik*, Livro das rotas e reinos. Nesta obra Ibn Ḥurdādbih relata a viagem de Sallām, o intérprete, que por volta de 885 d.C. teria sido enviado pelo califa Alwātiq Billāh para o norte para investigar a muralha do Bicorne, personagem que no Alcorão teria construído uma barreira para conter as

constantes invasões praticadas por Ya'jūj e Ma'jūj, Gogue e Magogue, associadas à devastação da terra que precederá o Dia do Juízo Final. Contudo, não apenas do leste europeu contamos com descrições dos homens do norte, e justamente da península ibérica viriam os trabalhos do historiador de andaluz Ibn Hayyān Alqurtubi que, ao preservar os trabalhos do historiador Aḥmad Ibn Muḥammad Arrāzī e do filho dele ʿIsā Ibn Aḥmad Arrāzī, relata o saque de Sevilha, praticado em 844 d.C. por uma frota de prováveis homens vindos do norte, chamados pelo historiador de urdamanīyīn.

O relato de Ibn Faḍlan estaria, dessa forma, entre as fontes mais antigas a abordar os homens do norte de maneira extensa, ganhando destaque pela riqueza de detalhes adquiridos em primeira mão. Relato que ainda seria utilizado pelo biógrafo e geógrafo muçulmano de origem bizantina, Yâqût Alḥamawī, que em sua obra denominada *Muʿjam Albuldān*, Dicionário de países, diz ter-se utilizado do relatório do enviado do califa, Almuqtadir Billāh, ao rei dos eslavos. Relatório que, segundo o geógrafo bizantino, contaria com informações desde a saída até o retorno a Bagdá, citação que constataria a volta de Ibn Faḍlan e demonstraria a incompletude do relato que possuímos nos dias atuais, esse que se interrompe abruptamente depois de quatro linhas referentes aos Khazares. Hoje o manuscrito do século XIII que apresenta os relatos de Ibn Faḍlan se encontra na Biblioteca Central de Astan Quds, em Mašhad no atual Irã, e é intitulado MS 5229.

No quarto e quinto tópico Criado cita a repercussão dos relatos de Ibn Faḍlan e explica as decisões tomadas em sua tradução. Dentre as repercussões o tradutor aponta a obra *Devoradores de mortos*, de John Michael Crichton, publicado em março de 1976 e o filme *O 13º guerreiro*, dirigido por John Mctiernan e com participação de Antonio Bandeiras como Ibn Faḍlan, produzido em 1999. Quanto à sua tradução, Criado deixa claro que se utilizou do manuscrito MS 5229 junto a acréscimos apresentados na obra de Yâqût Alḥamawī, além de contar com subtítulos temáticos que visam demonstrar a variedade de tópicos abordados pelos relatos de Ibn Faḍlan e sistematizar a leitura dos que venham a se utilizar de sua tradução, mas deixa claro que esses subtítulos não existem no original que é um texto contínuo. Para finalizar sua introdução, Criado deixa claro que os nomes de lugares e pessoas foram transliterados conforme o sistema proposto por Safa Jubran.

Os tópicos introdutórios do livro *Viagem ao Volga* prestam-se, dessa maneira, a uma base de iniciação ao público em geral e a uma breve recapitulação ao público especialista, mas traz informações importantes para ambos, dentre essas podemos citar a nomenclatura de

catalogação e a localidade da biblioteca que possuem o original do manuscrito do século XIII, esse que nos permite a aproximação com os escritos de Ibn Faḍlan. Dessa forma, a obra de Criado enriquece, questiona e modifica informações já disponíveis em estudos brasileiros como os presentes no *Dicionário de história e cultura da era Viking*, organizado pelo professor Johnni Langer, no qual constam os verbetes *Árabes e Vikings* e *Ibn Fadlan*. Uma das grandes modificações permitidas por Criado é o vislumbre de uma obra produzida no século X que já apresentava relatos das invasões dos nórdicos no mundo ibérico, modificando a informação de que os primeiros relatos do mundo ibérico surgiram apenas no século XII, informação presente no verbete: *Árabes e Vikings* (AYOUB, 2018: 54-56; AYOUB, 2018: 401-404).

Para encerrarmos a presente resenha crítica basta-nos pontuar alguns detalhes que nos chamaram atenção durante a leitura do dado livro, dentre esses detalhes um de grande valia é a datação apresentada pelo autor que contempla tanto a já tradicional, em nossa historiografia, datação cristã, quanto a datação do mundo islâmico, dado pela Hégira, que em árabe significa migração, referencia à fuga de Maomé de Meca para Medina, no ano de 622 d.C. Criado se utiliza de uma nota de rodapé para explicar as origens da datação do mundo islâmico, mas ao mesmo tempo que acaba por enriquecer a obra com essa nota de rodapé peca por apresentar apenas 11 dessas no livro todo, esse recurso poderia ter sido melhor utilizado para explicar dados como a palavra Ibn, tão presente nos nomes árabes, além de preservar o nome do anjo Malak Al-Mawt durante a narração do ritual funerário dos Rus, explicando a função do anjo da morte em uma nota de rodapé e não em uma tradução direta.

Concluimos assim que o livro de Criado é uma grande contribuição para o engrandecimento do conhecimento do público lusófono quanto à literatura e o mundo árabe islâmico, obra que sem dúvida poderá ser utilizada não apenas por aqueles que pretendem o estudo desse mundo em particular, mas dado sua abrangência, também por aqueles que estudam a Eurásia de uma forma mais geral. Detalhes da obra de Ibn Faḍlan são muito enriquecedores, até mesmo para os trabalhos arqueológicos desenvolvidos junto às muitas moedas árabes achadas por toda a Europa, inclusive muitas dentro do mundo Escandinavo. Seus relatos nos fazem observar coisas muito interessantes como a variação da quantidade de cada metal nas diferentes moedas presentes nas mais diversas regiões do mundo árabe. Por esses e por muito outros motivos a tradução de Criado deverá ser lida por essa e pelas próximas gerações que venham a se enveredar nos estudos da Alta Idade Média.

Referências bibliográficas:

AYOUB, Munir Lutfe. Árabes e Vikings. In: LANGER, Johnni (Ed.). *Dicionário de história e cultura da Era Viking*. São Paulo: Hedra, 2018, pp. 54-56.

_____. Ibn Fadlan. In: LANGER, Johnni (Ed.). *Dicionário de história e cultura da Era Viking*. São Paulo: Hedra, 2018, pp. 54-56.